

Psicologia será cada vez mais acção e intervenção

— disse ao DN o prof. Frederico Pereira, director do ISPA, o Instituto que forma os psicólogos portugueses

A formação de psicólogos em Portugal está de boa saúde e apta a acompanhar as solicitações crescentes de um mercado de trabalho, cada vez mais sensível ao papel destes profissionais. Quem o diz é Frederico Pereira, director do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), a cooperativa de ensino que formou os primeiros psicólogos no nosso país e que agora comemora o seu 25.º aniversário. Uma escola dinâmica, com imagem prestigiada aquém e além-fronteiras, que vive das propinas dos seus alunos e de um insignificante subsídio estatal, mas que, mesmo assim, conduz relevantes trabalhos de investigação. De resto, e no que respeita à actividade profissional, existe a grave lacuna de uma ordem que a regulamentar e disciplina.

PARTINDO do princípio de que a psicologia é mesmo uma profissão do futuro, de fácil integração num mercado de trabalho cada vez mais receptivo a este «métier», seria previsível esperar uma ampliação da actual capacidade de formação do ISPA.

No entanto nada está definido nesse sentido. Frederico Pereira diz que, de momento, a escola está adequada no que respeita à relação número de docentes/número de alunos, e no que respeita ao espaço.

Neste contexto, a escola dificilmente poderá crescer, o que não impede a ideia de criar novas instalações de raiz, se houver os necessários apoios.

Só que a criação de um novo espaço pode ir no sentido da instituição de outras linhas de formação que não necessariamente as da psicologia, dando que o ISPA «não está particularmente motivado para formar batalhões de psicólogos».

Uma das hipóteses, diz Frederico Pereira, passa pelo aproveitamento dos psicólogos que são formados a nível do curso geral, e, outra, pela gestão de cursos de pós-graduação de alta especificidade.

Assim, se vier a concretizar-se o alargamento do ISPA, é natural que se criem, dentro de cada grande área (ciências do comportamento, ciências humanas, etc.), cursos médios com iniciação profissional mais adequada, mais rápida, ou então especializações que permitam formar técnicos, estes já licenciados, com um nível de experiência e de conhecimentos superiores.

Aliás, neste último aspecto, é o que tem sido feito, desde há vários anos, através de um programa com a Universidade de Bristol, um curso misto em psiquiatria da educação ao nível de mestrado, com a colaboração de professores de várias universidades inglesas associadas a este programa, que se deslocam a Portugal regularmente para leccionar.

Para Frederico Pereira, esta experiência tem resultado num aprofundamento das competências, das capacidades de intervenção dos psicólogos, através de um «afunilamento» em termos de especialização.

Colocação de licenciados

Por outro lado, e sobre a alegada dificuldade de colocação de licenciados em psicologia no novo mercado de tra-

admissão, o que não impede a escola de ter construído e manter uma boa imagem pública.

A nível nacional, diz Frederico Pereira, desenvolve-se uma colaboração, ainda não muito estreita, com outras escolas de psicologia do País, nomeadamente com a Faculdade de Psicologia do Porto. Um relacionamento regular e cordial.

Imagem bem firmada

«Não me parece que, hoje em dia, alguém possa dizer, em Portugal, que esta escola é pior que qualquer das congéneres», afirma Frederico Pereira, sublinhando que está completamente ultrapassada a imagem pública do ISPA, há dez anos atrás, «imagem de uma instituição em declínio», bastante corrosiva.

Quanto à imagem externa, Frederico Pereira considera

que nunca deu grandes problemas. Os diplomas do ISPA foram reconhecidos no estrangeiro muito antes de o serem em Portugal, como equivalentes à licenciatura, praticamente em toda a Europa. «Temos vindo a firmar acordos, desde há pouco tempo, com várias universidades europeias, tais como a de Bristol e Genebra», sublinha o director do ISPA, acrescentando, com ironia, que «esses protocolos de cooperação científica e técnica não são, evidentemente, assinados pelos porteiros».

Na verdade, quando os conselhos científicos dessas universidades decidem estabelecer tais protocolos, «é porque reconhecem nesta instituição o valor e o mérito para poder colaborar com eles», diz Frederico Pereira, acrescentando que o ISPA não tem jeito para a autopublicitação nem «tendência a fazer muito barulho».

Em síntese, diz que a imagem do ISPA está bem firmada, é consistente, gratificante, ainda que o colectivo que dirige e administra a cooperativa proprietária do ISPA não se sintam totalmente satisfeitos.

«Os professores agregados ao programa com a Universidade de Bristol vêm aqui uma vez por mês, ou mais, mas não vêm cá para apañar sob», diz Frederico Pereira, adiantando que a sua escola se limita a pagar-lhes ajudas de custo.

Um pouco ao contrário do que acontece com as suas congéneres portuguesas, com as quais o ISPA não tem protocolos assinados, limitando-se, por exemplo, a «uma colaboração espontânea» com a Universidade do Porto.

No que respeita ao prestígio do corpo docente do ISPA, Frederico Pereira diz que ele é consistente. «Temos um número muito razoável de doutorados, e a estrutura docente é idêntica à da Universidade. Aliás, e nesse sentido, temos um conselho científico separado do conselho pedagógico».

Em relação à estrutura curricular dos cursos, regulamentada por lei, Frederico Pereira admite que, num futuro mais ou menos próximo,

ela terá de sofrer uma alteração, pois tem de acompanhar o progresso da ciência. No entanto, como tal alteração exige novos desafios à capacidade de formação e avaliação da escola, as modificações que sejam adoptadas terão de processar-se sem «ritmos caóticos» e nunca «ao sabor de modas».

Neste contexto, Frederico

Pereira defende como o mais razoável que o ISPA passe a emitir graus de mestrado e de doutoramento, sem estar na dependência completa, para esse efeito, de outro organismo.

Na realidade, os cursos de pós-graduação que o ISPA ministra dão acesso ao grau de doutoramento em Inglaterra, «mas cá em Portugal não é considerado mestrado nem deixa de ser», desabafa Frederico Pereira, sobre esta situação aberrante.

Autonomia para o mestrado

Na prática, para um licenciado do ISPA fazer o mestrado ou vai fazê-lo ao estrangeiro e depois pede equivalência em Portugal, ou então faz o tal curso não oficializado do ISPA, pedindo o respectivo reconhecimento, cujo deferimento é dado caso a caso e de forma visivelmente aleatória. «Não se pode entender que a concessão de um grau académico esteja submetida a qualquer espécie de discriminação», sublinha Frederico Pereira, alegando que a sua escola tem capacidade para conferir o grau de mestrado. É que, segundo a lei vigente, o ISPA não é uma faculdade mas sim um instituto.

Uma nítida contradição, se se considerar que «o nosso país tem carências a nível da formação técnica avançada, com instituições aptas a fornecer esse tipo de formação, mas com dispositivos legais que impedem o reconhecimento dessas mesmas formações».

Para Frederico Pereira, é evidente que «as pessoas não irão para o estrangeiro se puderem fazer as coisas em Portugal».

Outra questão, relacionada com a «imagem» do ISPA, prende-se com o nível e quantidade da investigação que realiza, um «índice» de aferição para um status que se reclama de universitário.

Para Frederico Pereira, a investigação conectada com o ISPA pode ser considerada «suficiente», por contraponto com a que se realiza em escolas congéneres. No entanto, ela surge de vontades pessoais, dado que a escola não tem uma rubrica no orçamento para a investigação, e limita-se a apoiá-la através do fornecimento logístico do género papel, fotocópias, aparelhos vídeo, etc. Porém, isso não impedia a realização de uma série de trabalhos de alto valor científico.

De qualquer modo, a direcção do ISPA está decidida a explorar os patrocínios de entidades como a Gulbenkian ou até empresas privadas, e a candidatar-se aos fundos da CEE destinados à investigação científica.

Até porque algumas das monografias apresentadas pelos alunos finalistas têm sido galardoadas, caso da que obteve o primeiro prémio da Sociedade de Língua Portuguesa, há dois anos, e outra que obteve o segundo prémio da Sociedade de Reumatologia, a atestarem a sua boa qualidade científica.

Mas se o ISPA está bem, mesmo sem financiamentos para uma investigação mais curial, pode-se levantar a questão de a Psicologia, a médio prazo, entrar em desfasamento com as necessidades «de mercado».

«A Psicologia vai ser, cada vez mais, uma ciência da acção e da intervenção», diz Frederico Pereira, reconhecendo que a Psicologia ultrapassou, definitivamente, as suas duas fases iniciais, a primeira excessivamente especulativa e, a segunda, com um rigor laboratorial extremamente denso.

A prazo, diz Frederico Pereira, os psicólogos devem preocupar-se em estruturar uma ciência, que é essencialmente uma ciência de acção e uma ciência de intervenção.

Uma ciência de acção e de mudança, orientada e realimentada por conhecimentos sobre si própria, isto é, necessariamente a partir da obser-

vação e interpretação de dados coligidos «mas aos quais se acrescentam metodologias qualitativas que permitam devolver a cada passo, aos sistemas em mudança, uma informação acerca da sua própria mudança».

Os problemas modernos que a Psicologia enfrenta são grandes: o stress dos trabalhadores e a sua incapacidade, o crescimento e a adaptação das crianças, a mudança de segmentos da estrutura social em comunidades (grandes bairros ou cidades), etc., questões a que a Psicologia só poderá responder «se auscultar um contributo para este processo de mudança, gerando para isso uma teoria de acção».

Em relação aos lugares comuns que apontam o psicólogo como uma espécie de «mercenário» ao serviço da «exploração» dos trabalhadores, no sentido da crescente mais-valia à custa da super-eficácia e produtividade, Frederico Pereira admitiu que a opinião pública possa ter um pouco essa perspectiva «negativa» do psicólogo, que considerava extensível a outras profissões como os médicos ou advogados.

«Não se trata de adaptar melhor o indivíduo à máquina para aumentar a produtividade, mas, pelo contrário, trata-se de criar sistemas nos quais cada indivíduo se sinta efectivamente melhor, o que, consequentemente, faz aumentar a sua produtividade», diz Frederico Pereira, sublinhando que isto não tem anda de mal.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

Meccada de trabalho
Inst. sup. Psicologia Aplicada

ENSINO SUPERIOR/PSICOLOGIA

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

«O que tem mal», diz, «é que se aumente a produtividade contra o individuo, que se defenda uma automatização pseudo-racional que ignore a realidade humana. Aliás, como o ser humano é um ser de racionalidade limitada, é óbvio que não se pode ir além daquilo que o ser humano é capaz de fornecer.»

Entra-se aqui no domínio da ética, «uma esfera excessivamente individual» comum a todas as profissões. De resto, Frederico Pereira considera ser difícil pronunciar-se sobre a imagem pública do psicólogo, mas está convicto de que há uma cada vez maior sensibilidade social ao papel do psicólogo, quer ao nível das organizações, das empresas, quer ao nível da educação e da saúde.

Limitações à actividade profissional

De qualquer modo, parecem persistir uma série de limitações à actividade dos psicólogos.

Frederico Pereira admite essas limitações, nomeadamente nos campos das tradições e dos valores. Por exemplo, quando um psicólogo entra numa empresa, tem de respeitar as chefias, as hierarquias e as tradições, isto é, não pode tentar mudar tudo em três tempos, pois tem de descobrir «uma forma harmoniosa de produzir mudanças que satisfaçam o maior número de pessoas, de modo a que estas se insiram ao nível das suas competências. É necessário gerir a tensão existente sem criar novos focos de tensão, de forma a que os psicólogos encontrem a sua identidade e a especificidade da sua acção».

Neste caso, surge o problema dos poderes de decisão e da sua delimitação, paralelo ao problema da formação de psicólogos, dado que estes profissionais «não devem nem podem desembarcar em estruturas, sejam elas empresariais, de saúde ou de educação, armados com ideias que não funcionam, com teorias que já não prestam... Esta é uma profissão fortemente vocacionada para a formação permanente», diz Frederico Pereira.

Mas para as «ovelhas ralhadas», e não só, costuma haver uma organização da classe que disciplina e regula o exercício da profissão.

Para Frederico Pereira, é grave tal lacuna. A princípio, pensou que a ideia de uma Ordem era «um bocado arcaico», sem sentido cooperativo e sujeita a nascer enervada à partida por «dinâmicas de poder, estratégias individuais ou institucionais, coisas do género».

Porém, veio a convencer-se, pouco a pouco, da necessidade de se criar um órgão regulador desse tipo, associação ou Ordem. Só que apesar de muitas conversas na classe durante estes últimos dez anos, nada de concreto se fez para a sua criação.

Uma lacuna que tem de ser inexoravelmente preenchida, em prol da dignificação da profissão de psicólogo, mas que, segundo Frederico Pereira, terá que assentar numa condição: «Que não haja estratégias individuais ou institucionais, nem truques nem trocadilhos.»

J. G. O.



UNIVERSIDADE NOVA

Table with 31 rows labeled 'Dia' from 1 to 31.

Handwritten notes: Mercado de trabalho, Inst. sup. Psicologia Aplicada

Month selection table: JAN, FEV, MAR, ABR, MAI, JUN, JUL, AGO, SET, OUT, NOV, DEZ

